VIII Encontro Internacional
A Imagem Medieval: História e Teoria

29 e 30 novembro
1 dezembro
2017

Auditório Nicolau Sevcenko
História - FFLCH - USP

CADERNO DE RESUMOS

Realização:
Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais

LATHIMM

Comissão Organizadora

Profa. Dra. Maria Cristina Correia L. Pereira (LATHIMM-USP)

Prof. Dr. Gabriel Castanho (LATHIMM-UFRJ)

Doutoranda Mariana Pincinato (LATHIMM-USP)

Doutoranda Pamela Wanessa Godoi (LATHIMM-USP)

CADERNO DE RESUMOS

VIII ENCONTRO INTERNACIONAL
"A IMAGEM MEDIEVAL: HISTÓRIA E TEORIA"

São Paulo
Universidade de São Paulo
2017

APRESENTAÇÃO

Os Encontros Internacionais **A Imagem Medieval: História e Teoria** pretendem contribuir para a estruturação de um espaço de debate sobre a imagem medieval no Brasil. O assunto ainda é pouco estudado na academia brasileira, ao menos em parte como herança da época, não tão remota, em que a circulação de informações e, sobretudo, de fontes ainda era bastante difícil. Ora, com a revolução silenciosa dos bancos de imagens digitais e de livre acesso na internet e com os recentes e renovados investimentos nas bibliotecas públicas brasileiras, a possibilidade de trabalhar com imagens medievais no Brasil se torna mais próxima.

Os encontros procuram, pois, destacar a importância do estudo das imagens medievais como um espaço de reflexão teórica, entendendo que esse campo de investigações pode contribuir não apenas produzindo conhecimento específico sobre realidades históricas particulares a partir da análise de fontes insuficientemente exploradas, mas também como uma atividade produtora de conceitos que podem integrar o arsenal teórico das ciências humanas e sociais.

Nesta oitava edição, ampliamos o escopo dos trabalhos a serem apresentados, a fim de incluirmos estudantes de Graduação que desenvolvem pesquisa de iniciação científica, além de pós-graduandos e pesquisadores confirmados. Esperamos, desse modo, não apenas fornecer um panorama mais extenso das pesquisas que vêm sendo realizadas no Brasil e no exterior a respeito das imagens medievais, em todos os níveis, como também colaborar para os intercâmbios entre pesquisas em distintos estágios de desenvolvimento.

Maria Cristina Correia Leandro PEREIRA

Coordenadora do LATHIMM

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 1
SUMÁRIO 2
PROGRAMAÇÃO 7
29/11/17 – QUARTA-FEIRA 7
30/11/2017 – QUINTA-FEIRA 9
01/12/2017 – SEXTA-FEIRA 11
CONFERÊNCIAS 13

OS FORAIS PORTUGUESES DOS SÉCULOS XI-XIII: PROPOSTA DE AGRUPAMENTO

AUBERT, EDUARDO HENRIK 14

PODEMOS FAZER UMA ARQUEOLOGIA DO PODER?

BAYARD, ADRIAN 15

UM BANCO PARA APÍCIO: O LUGAR DE UM LIVRO DE COZINHA EM UMA BIBLIOTECA PÚBLICA RENASCENTISTA

NADLER, WANESSA ASFORA 16

A FABRICAÇÃO DO ORNAMENTO: REPRESENTAÇÕES DO ARTISTA MEDIEVAL

PEREIRA, MARIA CRISTINA CORREIA LEANDRO 17

A IMPORTÂNCIA DA INCORPORAÇÃO NA ICONOGRAFIA ISLÂMICA DOS POVOS CONQUISTADOS PELOS ÁRABES NO PERÍODO DA IDADE MÉDIA NA ÁSIA CENTRAL

PICCINI, ANDREA 18

DA ELOQUÊNCIA DOS FRONTISPÍCIOS: NOTAS ACERCA DE DOCUMENTOS IMAGÉTICOS EM LIVROS SOBRE O BRASIL (SÉCULO XVII)

SOUZA, JORGE VICTOR DE ARAÚJO 19

COMUNICAÇÕES 20

A AGÊNCIA DAS IMAGENS MILAGROSAS: A LENDA DO MILAGRE DO CRISTO DEL RESCATE DE VALÊNCIA (1539)

AMARAL, DEBORA GOMES PEREIRA 21

A METAFÍSICA DA LUZ: APONTAMENTOS SOBRE PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA

AMORIM JR, ELIAS FEITOSA DE 22

A PRESENÇA DE MARIA NO FILME "O REI DOS REIS": AS TENSÕES E CONFLUÊNCIAS DE UM IMAGINÁRIO FEMININO SOCIAL COM O IMAGINÁRIO CLERICAL MEDIEVAL

BASTOS, RODOLPHO ALEXANDRE SANTOS MELO 23

UMA INTERPRETAÇÃO RENEGADA PARA AS CRUZES DE SIGURÐR: FINN MAC CUMHAILL E A LAJE DE PEDRA DE DRUMHALLAGH (SÉCULO VIII)

BIRRO, RENAN MARQUES 25

INFERNO EM TEXTO E IMAGEM NO MANUSCRITO ANGLO-SAXÔNICO JUNIUS 11 (BODLEIAN LIBRARY MS. JUNIUS 11)

BRITO FILHO, GESNER LAS CASAS 26

LITERATURA MEDIEVAL E CINEMA CONTEMPORÂNEO: AS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DO MAGO MERLIN DE GEOFFREY DE MONMOUTH E EM "THE SWORD IN THE STONE" (1963)

BUENO, LUNIELLE DE BRITO SANTOS 27

EL PAPEL DE LA BUROCRACIA TARDO IMPERIAL ROMANA DENTRO DEL CEREMONIAL ENTRE LOS SIGLOS IV Y V

CARABAJAL, BELÉN M. 28

O LUGAR DO MONASTICISMO NA HERESIA

CLAUDINO, THALITA SOARES **29**

LIVROS DE MODELOS: REFERÊNCIAS PARA A ARTE, DESIGN, MODA E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO

CONCEIÇÃO, ROSÂNGELA APARECIDA DA **31**

IMAGEM-OBJETO NO BM CAMBRAI 528: AS RELAÇÕES ENTRE AS MINIATURAS MEDIEVAIS E OS ASPECTOS FÍSICOS DO MANUSCRITO

GODOI, PAMELA WANESSA **32**

A CRUZ DE GOSFORTH: INTERICONICIDADE, IDENTIDADE VISUAL E ACOMODAÇÃO RELIGIOSA NA NORTÚMBRIA PRÉ-NORMANDA

GOMES, POLIANA DE OLIVEIRA **33**

ROMAN D'ALEXANDRE (OXFORD, BODLEAIN LIBRARY, MS BODLEY 264) E A MÚSICA INSTRUMENTAL NA IDADE MÉDIA

HELD, MARCUS **35**

REPRESENTACIÓN A LA PASSIÓN Y MUERTE DE NUESTRO RENDETOR: A IMAGEM DA PAIXÃO DE CRISTO NO BOJO DA RENOVAÇÃO DAS SENSIBILIDADES ESPIRITUAIS

LEANDRO, CAMILLE FERREIRA **36**

A ICONOGRAFIA DA MISSA DE SÃO GREGÓRIO: IMAGEM E REALISMO EUCARÍSTICO NA FRANÇA DO FINAL DA IDADE MÉDIA

LUBARINO, DOGLAS MORAIS **37**

PINTURAS ENCOMENDADAS PELO MECENATO URBANO BURGUÊS NA PENÍNSULA ITÁLICA NA BAIXA IDADE MÉDIA

MELO, THATIANE PIAZZA DE 38

VESTUÁRIO E ARTE SACRA: USOS E FUNÇÕES DAS VESTES NA IMAGINÁRIA CRISTÃ

MOREIRA, FUVIANE GALDINO 40

OS MANUSCRITOS ILUMINADOS JUDAICOS DA CATALUNHA MEDIEVAL

OLIVEIRA, KARINA SANTOS DE 42

O CRUCIFIXO DE SÃO DAMIÃO NO PRIMEIRO SÉCULO FRANCISCANO: MODOS DE FUNCIONAMENTO

PELEGRINELLI, ANDRÉ LUIZ MARCONDES 44

ENTRE O TEXTO E A IMAGEM: A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DOS MÁRTIRES NO BREVIÁRIO DE MARIE DE SAINT POL

PEREIRA, GABRIEL ALVES 46

IBN AL-MUQAFFA E A REVOLUÇÃO ABÁSSIDA: O ESTUDO DA CULTURA MATERIAL DO PROJETO POLÍTICO E DA ARTE DO BEM GOVERNAR

PRENDA, DANDARA ARSI 48

AS GRAVURAS EM PORTUGAL NO SÉCULO XVII: ICONOGRAFIA PROFÉTICA E POLÍTICA DA RESTAURAÇÃO (1639-1668)

SANCHEZ, TALITA DE JESUS NORONHA 50

A IGREJA E OS EDIFÍCIOS ECLESIÁSTICOS NA CATALUNHA: SOBRE AS REFORMAS NO SÉCULO XII

SANTOS, ALINE BENVEGNÚ DOS 52

O HISTORIADOR E AS SUAS IMAGENS: UM ESTUDO SOBRE EDIÇÕES DA OBRA DE JACQUES LE GOFF

SANTOS, BRUNO GABRIEL RODRIGUES DOS 54

PEDRA E ESPÍRITO: OS GRAFITOS E A SACRALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DEVOCIONAIS NA ANTIGUIDADE TARDIA

SANTOS, VANESSA DE MENDONÇA RODRIGUES DOS **55**

MONTAGEM POÉTICA: IMAGEM E AGÊNCIA NA GALERIA SUL DO CLAUSTRO DE ELNE

SILVA, FELIPE VIEIRA FRAZÃO **57**

AS MARGENS DO LIVRO DE HORAS 50,1,16 DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

SOUZA, MARIA IZABEL ESCANO DUARTE DE **59**

SOBRE A CONCEPÇÃO ICONOGRÁFICA DO INFERNO NO MUNDO BIZANTINO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DAS IMAGENS DOS CONDENADOS

SOUZA, MARIANA PINCINATO QUADROS DE **61**

LÚCIFER: UM SOBERANO DO MUNDO DO ALÉM NO MANUSCRITO "LES TRÈS RICHES HEURES DU DUC DE BERRY"

TIMOTEO, KLEBER COSTA **63**

A NATUREZA NOS VITRAIS DA CATEDRAL DE BARCELONA E O IMAGINÁRIO DOS SÉCULOS XIV E XV

VARGAS, LORENA DA SILVA **64**

A IMPORTÂNCIA DO SCRIPTORIUM MONÁSTICO PARA A PRESERVAÇÃO E MANUTENÇÃO DA CULTURA OCIDENTAL

VIEIRA, THIAGO; RIBAS, PAULO; HENRIQUE, PEDRO; OLIVEIRA, RAMON **65**

PROGRAMAÇÃO

29/11/17 – QUARTA-FEIRA

COMUNICAÇÕES (13h30 às 18h00)

Mesa 1 – Espaços de devoção (13h30 às 15h40)

Aline Benvegnú dos SANTOS (doutoranda - USP)
A Igreja e os edifícios eclesiásticos na Catalunha: sobre as reformas no século XII
Felipe Vieira Frazão SILVA (graduando -USP)
Montagem Poética: imagem e agência na galeria sul do claustro de Elne
Renan Marques BIRRO (Doutor – USP/ Prof. UNIFAP)
Uma interpretação renegada para as *cruzes de Sigurðr*: Finn Mac Cumhaill e a *laje de pedra de Drumhallagh* (século VIII)
Poliana de Oliveira GOMES (graduanda - UFRGS)
A cruz de *Gosforth*: Intericonicidade, identidade visual e acomodação religiosa na Nortúmbria Pré-Normanda
Vanessa de Mendonça Rodrigues dos SANTOS (mestranda - UFRJ)
Pedra e espírito: os grafitos e a sacralização dos espaços devocionais na Antiguidade Tardia

Mesa 2 – Roupas e Historiografia (15h50 às 18h00)

Fuviane Galdino MOREIRA (doutoranda - UFRJ)

Vestuário e arte sacra: usos e funções das vestes na imaginária cristã

Rosângela Aparecida da CONCEIÇÃO (mestre – UNESP/ Prof. UNIP)

Livros de modelos: referências para a arte, design, moda e preservação do patrimônio

Bruno Gabriel Rodrigues dos SANTOS (graduando - USP)

O historiador e as suas imagens: um estudo sobre edições da obra de Jacques Le Goff

VIEIRA, Thiago; RIBAS, Paulo; HENRIQUE, Pedro; OLIVEIRA, Ramon (graduandos - UFMG)

A importância do *scriptorium* monástico para a preservação e manutenção da cultura ocidental

Talita de Jesus Noronha SANCHEZ (mestranda - UNIFESP)

As gravuras em Portugal no século XVII: iconografia profética e política da Restauração (1639-1668)

Intervalo (18h00 às 18h30)

CONFERÊNCIA 1 (18h30 às 19h30)

"A fabricação do ornamento: representações do artista medieval"

Maria Cristina Correia Leandro PEREIRA

Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História Social da USP / LATHIMM-USP

CONFERÊNCIA 2 (19h30 às 20h30)

"Podemos fazer uma arqueologia do poder?"

Adrian BAYARD

Pesquisador de Pós-doutorado, Departamento de História, USP/ LEME-USP /LAMOP

30/11/2017 – QUINTA-FEIRA

COMUNICAÇÕES (13h30 às 18h00)

Mesa 3 – Imagens devocionais (13h30 às 15h40)

André Luiz Marcondes PELEGRINELLI (mestrando - UEL)
O crucifixo de São Damião no primeiro século franciscano: modos de funcionamento

Thatiane Piazza de MELO (doutoranda - UFF)
Pinturas encomendadas pelo mecenato urbano burguês na Península Itálica na Baixa Idade Média

Doglas Morais LUBARINO (doutorando - Unicamp)
A iconografia da Missa de São Gregório: imagem e realismo eucarístico na França do final da Idade Média

Camille Ferreira LEANDRO (graduanda - UFRRJ)
Representación a la Passión y Muerte de Nuestro Rendetor: a imagem da Paixão de Cristo no bojo da renovação das sensibilidades espirituais

Debora Gomes Pereira AMARAL (doutoranda - USP)
A Agência das Imagens Milagrosas: a lenda do Milagre do Cristo *del Rescate* de Valência (1539)

Mesa 4 – Cinema e escrita: sociedades em movimento (15h50 às 18h00)

Marcus HELD (mestre - USP)

Roman d'Alexandre (Oxford, Bodleain Library, MS Bodley 264) e a música instrumental na Idade Média

Gabriel Alves PEREIRA (mestrando - UFRJ)

Entre o texto e a imagem: a representação imagética dos mártires no breviário de *Marie de Saint Pol*

Thalita Soares CLAUDINO (graduanda - UFRJ)

O lugar do monasticismo na heresia

Lunielle de Brito Santos BUENO (graduanda - UEL)

Literatura medieval e cinema contemporâneo: as aproximações e distanciamentos do mago Merlin de Geoffrey de Monmouth e em "*The sword in the stone*" (1963)

Rodolpho Alexandre Santos Melo BASTOS (doutorando - UFSC)

A presença de Maria no filme "O Rei dos Reis": As tensões e confluências de um imaginário feminino social com o imaginário clerical medieval

Intervalo (18:00 às 18:30)

CONFERÊNCIA 3 (18:30 às 19:30)

"Um banco para Apício: o lugar de um livro de cozinha em uma biblioteca pública renascentista"

Wanessa Asfora NADLER

Pesquisadora de Pós-doutorado, Departamento de História, IFCH, Unicamp/FAPESP

CONFERÊNCIA 4 (19:30 às 20:30)

"A importância da incorporação na Iconografia Islâmica dos povos conquistados pelos árabes no período da Idade Média na Ásia Central"

Andrea PICCINI

Pesquisador de Pós-doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, USP / IWANDARS

01/12/2017 – SEXTA-FEIRA

COMUNICAÇÕES (13h30 às 18h00)

Mesa 5 – Oriente e Vitrais (13h30 às 15h40)

Mariana Pincinato Quadros de SOUZA (doutoranda – USP)
Sobre a concepção iconográfica do inferno no mundo bizantino: uma reflexão a partir das imagens dos condenados

Belén M. CARABAJAL (graduanda – Universid de Córdoba)
El papel de la burocracia tardo imperial romana dentro del erimonial entre los siglos IV y V

Dandara Arsi PRENDA (doutoranda – UFF)
Ibn al-Muqaffa e a Revolução Abássida: O estudo da cultura material do projeto político e da arte do bem governar

Elias Feitosa de AMORIM Jr. (mestrando – Unicamp)
A Metafísica da luz: apontamentos sobre Pseudo-Dionísio Areopagita

Lorena da Silva VARGAS (graduanda – UFG)
A natureza nos vitrais da Catedral de Barcelona e o imaginário dos séculos XIV e XV

Mesa 6 – Manuscritos (15h50 às 18h00)

Gesner Las Casas BRITO Filho (doutorando University of Leeds, Reino Unido)
Inferno em texto e imagem no manuscrito anglo-saxônico Junius 11 (Bodleian Library MS. Junius 11)

Maria Izabel Escano Duarte de SOUZA (doutoranda - USP)
As margens do livro de horas 50,1,16 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Pamela Wanessa GODOI (doutoranda - USP)
Imagem-objeto no BM Cambrai 528: as relações entre as miniaturas medievais e os aspectos físicos do manuscrito

Kleber Costa TIMOTEO (graduando - USP)
Lúcifer: um soberano do mundo do Além no manuscrito: "*Les Très Riches Heures du Duc de Berry*"

Karina Santos de OLIVEIRA (mestre - USP)
Os manuscritos iluminados judaicos da Catalunha medieval

Intervalo (18h00 às 18h30)

CONFERÊNCIA 5 (18h30 às 19h30)

"Da eloquência dos frontispícios: Notas acerca de documentos imagéticos em livros sobre o Brasil (século XVII)"

Jorge Victor de Araújo SOUZA
Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História Comparada, UFRJ.

CONFERÊNCIA 6 (19:30 às 20:30)

"Os forais portugueses dos séculos XI-XIII: proposta de agrupamento"

Eduardo Henrik AUBERT
Fellow Researcher, University of Cambridge /LATHIMM-USP.

CONFERÊNCIAS

Os forais portugueses dos séculos XI-XIII: proposta de agrupamento

AUBERT, Eduardo Henrik
Fellow Researcher, University of Cambridge /LATHIMM-USP

Documentos centrais para a compreensão da vida social do reino português, os forais portugueses são tão abundantes quanto ainda insuficientemente explorados. Espécies do gênero das cartas de privilégio, vinham concedidos pelo monarca ou por outro senhor aos habitantes de povoação fundada ou a fundar, estabelecendo o regime de privilégios da população e esboçando os traços fundamentais da administração pública que regeria as suas vidas. Tomando por base a edição histórica de Alexandre Herculano, nas *Portugaliae Monumenta Historica: Leges et Consuetudines*, pretendemos expor uma cartografia dos forais produzidos até o fim do reinado de D. Afonso III (†1279), identificando agrupamentos e relações entre agrupamentos.

Podemos fazer uma arqueologia do poder?

BAYARD, Adrian
Pesquisador de Pós-doutorado, Departamento de História, USP/ LEME-USP /LAMOP

Dada a complexidade das sociedades medievais, nas quais o modo de vida das elites se transforma ao longo do tempo, as fontes arqueológicas fornecem um meio privilegiado para abordar as diferenças entre os grupos sociais. Na verdade, a arqueologia é capaz de elaborar chaves de leitura da cultura material, possibilitando documentar as várias categorias sociais. Para isso, é necessário definir precisamente os "marcadores arqueológicos" para avaliar os níveis de riqueza característicos das elites. Esses grupos são reconhecidos por adotarem estratégias comuns de distinção, que envolvem hábitos de consumo, verdadeiros marcadores de condição social. Isso não excluiu em certos grupos a adoção de práticais originais no âmbito de uma sociedade fundamentalmente competitiva. Além disso, alguns objetos podem ter seu uso expandido para várias categorias sociais ou deslocado de um meio para outro. A cultura material foi bem definida como um "alvo móvel": seus marcadores raramente são unívocos. Portanto, é necessário questionar a materialização do poder da aristocracia através da arquitetura dos lugares de elite, mas também dos objetos que podem ser associados a esses lugares.

Um banco para Apício: o lugar de um livro de cozinha em uma biblioteca pública renascentista

NADLER, Wanessa Asfora
Pesquisadora de Pós-doutorado, Departamento de História, IFCH, Unicamp/FAPESP

Os primeiros manuscritos renascentistas do livro de cozinha atribuído a Apício, produzidos na primeira metade do século XV, foram quase certamente confeccionados para integrar coleções de bibliotecas privadas de poderosos senhores da Itália do norte e central. No entanto, um deles, o manuscrito laurenziano Pluteo, 73, 20, tem uma curiosa história por ter sido transladado da coleção privada dos Médici para a primeira biblioteca pública moderna, concebida e curada por membros dessa mesma família florentina já no final daquele mesmo século. A partir da apresentação da trajetória histórica desse manuscrito, pretendo desenvolver uma reflexão acerca de como os conteúdos de Apício foram interpretados e classificados pela ciência da época. Em outras palavras, tratarei do lugar – físico e metafórico – do livro de cozinha apiciano no cenário intelectual da Florença dos séculos XV e XVI.

A fabricação do ornamento: representações do artista medieval

PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro
Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História Social da USP / LATHIMM-USP

O campo de estudos sobre as imagens medievais é extremamente rico em razão da vastidão do *corpus* a ser trabalhado. Dentre os mais distintos recortes que podem ser feitos, o que propomos aqui é o das imagens que figuram seu próprio processo de fabricação. Elas funcionam, portanto, como meta-imagens: imagens de imagens, e mais precisamente ainda, imagens de imagens sendo feitas. Trata-se de representações de personagens pintando paredes, cinzelando esculturas ou iluminando livros, entre outras atividades, e que são encontradas em miniaturas, relevos, vitrais etc.

Dentre essas imagens, nota-se uma predominância da representação da fabricação de imagens figurativas sobre imagens ornamentais. Mas é precisamente este último subgrupo de imagens que nos interessa aqui: muitas vezes deixadas de lado pelos estudiosos, como costuma ocorrer com tudo o que diz respeito ao ornamento, elas podem trazer informações importantes sobre os valores estéticos e o fazer artístico na Idade Média.

A importância da incorporação na Iconografia Islâmica dos povos conquistados pelos árabes no período da Idade Média na Ásia Central

PICCINI, Andrea
Pesquisador de Pós-doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, USP / IWANDARS

Depois da morte de Maomé no ano de 632, com as diferentes fases das conquistas árabes que foram iniciadas a partir do Oriente Médio, a arquitetura religiosa passou por uma modificação para suprir as necessidades da nova religião. Nos estudos sobre essas regiões e que abrangem um longo período de tempo, os estudiosos passaram a definir suas construções artísticas, arquitetônicas e urbanísticas com o adjetivo islâmico. Seus exemplares são importantes tanto pelo tipo de arquitetura quanto por sua iconografia com mosaicos, que podem ser diferenciados daqueles da arte religiosa ocidental. Nesse contexto, as mesquitas e as madrassas foram os edifícios arquitetônicos mais importantes, senão os únicos considerados os mais representativos dessa sociedade como símbolo de poder político e religioso.

A iconografia, elaborada através da técnica de mosaicos, com uso de pedras e mármores coloridos, se desenvolveu de maneira diferenciada das tradições anteriores, utilizando-se de elementos simbólicos daquelas sociedades existentes nos territórios conquistados da Ásia Central, que vão da região da atual Síria até a parte da China islâmica.

As várias etapas da rápida conquista permitem-nos observar as diferentes fases de cruzamentos e incorporação de elementos iconográficos islâmicos com elementos das religiões locais, que estavam presentes nos diversos territórios tribais não islâmicos conquistados, por meio de um processo de aculturação e reaculturacao com a introdução de novas relações sociais, culturais e econômicas em contextos históricos específicos.

Da eloquência dos frontispícios: Notas acerca de documentos imagéticos em livros sobre o Brasil (século XVII)

SOUZA, Jorge Victor de Araújo
Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História Comparada, UFRJ

Não há um estudo histórico que reúna os principais frontispícios de livros sobre o Brasil do século XVII. Com exceções, tais imagens são apresentadas dispersas e apenas como ilustrações de artigos. Em que pese as imagens terem sido produzidas para livros que tiveram distintas condições de edição, acreditamos que uma análise detida do conjunto apontará as formas pelas quais, no século XVII, criou-se uma eloquência sobre a expansão ultramarina, forjando alegorias que abriam os mais importantes livros sobre o Brasil. O que é um frontispício e qual é a sua relevância em uma publicação? Para responder a essas questões, atentaremos para a materialidade deste elemento paratextual, e também analisaremos seu campo semântico no período colonial. Faremos uma reflexão sobre os frontispícios enquanto documentos imagéticos significativos na representação de espaços atlânticos, apontando, desta forma, que o que é considerado "adorno" é parte relevante de uma rede que une livros, arquitetura e imagens das mais diversas naturezas. Portanto, verificar-se-á que tais documentos são excelentes para a concepção de histórias conectadas dedicadas a temas para além da Época Moderna e do espaço ultramarino.

COMUNICAÇÕES

A Agência das Imagens Milagrosas: a lenda do Milagre do *Cristo del Rescate* de Valência (1539)

AMARAL, Debora Gomes Pereira
Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História Social da
Universidade de São Paulo

O antropólogo britânico Alfred Gell apresenta na obra *Art and Agency: an Anthropological Theory*, de 1997, sua teoria de que os objetos visuais são agentes em potencial, que podem atuar como meios causais nas relações sociais e, em alguns casos, ser reconhecidos como dotados de uma espécie de "comportamento" humano ou sobrenatural. Assim, pretendemos investigar se tal proposição pode ser estendida às imagens milagrosas cristãs, tomando como objeto de estudo o crucifixo milagroso conhecido como Cristo do Resgate de Valência. Conta a lenda que no ano de 1539 um crucifixo sequestrado por mouros foi colocado em uma fogueira, milagrosamente resistindo ao fogo. Quando resgatado, mediante a troca do seu peso (era um crucifixo de grande porte) por moedas de prata, conforme as negociações estabelecidas, a imagem teria controlado a balança para estabelecer a troca por apenas 30 moedas de prata. Após tais eventos considerados milagrosos, a imagem passou a ser cultuada na Igreja de Santa Tecla em Valência. Desta forma, partindo dos pressupostos teóricos de Gell, analisaremos a agência deste crucifixo milagroso naquele meio social, tendo sua natureza sobrenatural reconhecida pela coletividade e sendo capaz de influenciar no comportamento devocional.

A Metafísica da luz: apontamentos sobre Pseudo-Dionísio Areopagita

AMORIM Jr, Elias Feitosa de
Mestrando em História da Arte na Universidade de Campinas
Bolsista do CNPq

Esta proposta de comunicação tem o objetivo de pensar o espaço sagrado da catedral de Notre-Dame de Chartres a partir de sua relação com ao programa iconográfico dos vitrais, levando em consideração as discussões sobre a cultura visual na Idade Média apontadas por Jean-Claude Schmitt, ao se pensar na dinâmica que envolve o conjunto das formas plásticas, das práticas de culto e o embasamento teórico que lhe proporciona legitimidade.

Tendo esta perspectiva como percurso, pretendo apresentar uma reflexão que relaciona a influência do pensamento neoplatônico de Pseudo-Dionísio Areopagita para a produção artística presente na catedral de Chartres, com ênfase no papel dos vitrais e sua relação com a estrutura arquitetônica gótica nos séculos XII e XIII.

A presença de Maria no filme "O Rei dos Reis": As tensões e confluências de um imaginário feminino social com o imaginário clerical medieval

BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo
Doutorando em História na Universidade Federal de Santa Catarina
Bolsista da CAPES

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar como os discursos e imagens construídos na Idade Média (sobretudo no século XII) e direcionados às mulheres, através da virgem Maria, ainda ressoam em nossa sociedade, principalmente por meio da produção midiática e audiovisual, como os filmes que retratam a vida de Cristo. Essa filmografia, ao mesmo tempo em que faz remissão ao período medieval ao retratar as mulheres, em que Maria é posta como modelo de feminilidade (subserviência, silêncio, obediente e restrita ao ambiente doméstico), também dialoga com o momento de produção dos filmes. Neste contexto, a partir do filme "O Rei dos Reis", de 1961 e dirigido por Nicholas Ray, vamos buscar perceber através da presença de Maria, a coexistência (não sem tensão) dessas duas temporalidades, remetendo a um "espaço de experiência" sobre o feminino que foi edificado na Idade Média por uma elite clerical e as projeções e anseios de uma sociedade conservadora (*establishment*) estadunidense, da década de 1960, o que implica em um "horizonte de expectativas". Com isso, ancorados nos conceitos e categorias de análise sobre experiências do tempo de Reinhart Koselleck ("espaço de experiência" e "horizonte de expectativas") seremos capazes de acessar como a contemporaneidade, através do cinema, produz imagens e discursos sobre a Idade Média. Os filmes, mesmo não sendo uma mídia medieval, oferecem possibilidades de acesso às imagens e ao imaginário que uma determinada sociedade e temporalidade tem e produz sobre o medievo. Neste sentido, a película de Nicholas Ray abriga um determinado corpo de ideias sobre os discursos clericais produzidos no período medieval e demonstra as rupturas e continuidades em relação ao com o imaginário social feminino referente ao contexto de produção do filme. Em suma, esses dois imaginários não são excludentes, pelo contrário, são complementares

(mesmo em tensão) e estão constantemente se inter-relacionando e se influenciando no tecido social, produzindo inúmeras imagens e informações sobre Maria, o feminino e os discursos sobre elas na Idade Média.

Uma interpretação renegada para as *cruzes de Sigurðr*: Finn Mac Cumhaill e a *laje de pedra de Drumhallagh* (século VIII)

BIRRO, Renan Marques
Professor de História Medieval da Universidade Federal do Amapá
Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo

Entre o final do século XIX e o início do século XX, um conjunto de lajes de pedra da Ilha de Man foi alvo de particular atenção por apresentar, do ponto de vista dos estudiosos insulares, algumas "ilustrações" do herói semilendário escandinavo Sigurðr *Fáfnisbani*. Um dos elementos característicos para tal analogia ocorre na *Laje de Andreas*, erguida e esculpida na segunda metade do século X, onde um homem foi representado levando a mão até a boca; de fato, há uma referência similar nas fontes escandinavas dos séculos XII e XIII sobre o referido herói. Todavia, um monumento irlandês do século VIII, conhecido como a *laje de pedra de Drumhallagh* (Donegal, Noroeste da Irlanda), foi conectado com Finn Mac Cumhaill, um herói da tradição céltica que dispõe de uma tradição e representações semelhantes ao caso sigurdiano. Deste modo, meu objetivo será discutir brevemente se a erudição manx conhecia o monumento vizinho e as potenciais razões para não compará-lo com as possíveis representações de Sigurðr da Ilha de Man.

Inferno em texto e imagem no manuscrito anglo-saxônico Junius 11 (Bodleian Library MS. Junius 11)

BRITO Filho, Gesner Las Casas
Doutorando em História da Arte Medieval, University of Leeds, Reino Unido
Bolsista da CAPES

Neste manuscrito produzido na Inglaterra anglo-saxônica por volta do ano 1000 encontramos vertidos em paráfrase poética os livros bíblicos canônicos, Gênesis, Exodus, Daniel e o poema Cristo e Satã (baseado no apócrifo Evangelho de Nicodemos). Nossa análise se concentra no livro do Genesis, onde encontramos as únicas ilustrações do referido manuscrito. O propósito desta comunicação é mapear de que forma o Inferno é representado em texto e imagem neste manuscrito. Além disso, pretende-se verificar de que forma o inferno representado em Junius 11 conecta-se com a sociedade anglo-saxônica do período.

Literatura medieval e cinema contemporâneo: as aproximações e distanciamentos do mago Merlin de Geoffrey de Monmouth e em "*The sword in the stone*" (1963)

BUENO, Lunielle de Brito Santos
Graduanda em História na Universidade Estadual de Londrina

Ao olharmos para a contemporaneidade, podemos observar elementos medievais presentes em filmes, séries, jogos, literaturas e em diversos outros suportes. Uma das figuras mais utilizadas por esses é o personagem mago, que pela adaptação e ressignificação mantém-se tão atual quanto era no imaginário medieval. A fim de compreendermos as aproximações e distanciamentos que um dos mais famosos magos da história tem em seus distintos tempos de produção, procuraremos analisar o personagem Merlin do século XII, dos poemas de Geoffrey de Monmouth, dando destaque principalmente ao livro dirigido somente a Merlin, *Vita Merlini*, e o Merlin do filme *"The Sword in the stone*" (1963), dirigido por Wolfgang Reitherman e produzido pela Walt Disney.

El papel de la burocracia tardo imperial romana dentro del ceremonial entre los siglos IV y V

CARABAJAL, Belén M.
Graduanda em História na Universidad Nacional de Córdoba

La profunda reestructuración sufrida por Imperio Romano, durante la crisis del siglo III y las reformas de Diocleciano, dan origen a nuevas formas sociales que permiten delimitar este período, más conocido por los investigadores como Antigüedad tardía, separándolo de la antigüedad clásica. De esta forma, en la Antigüedad Tardía, entran a jugar distintos elementos que permiten definir la posición de un individuo dentro de un grupo y, más ampliamente, dentro de la sociedad tardo imperial. Para el período Brown nos habla del surgimiento de una nueva "aristocracia de servicio" (Brown 1971), en el cual la burocracia tardo imperial romana se transforma en el enlace entre el emperador y sus súbditos, a la par de volverse un significativo grupo de poder.

El siguiente trabajo intentará realizar una aproximación a la construcción del poder por parte de este grupo, relativamente nuevo en torno al emperador. Es así que, la iconografía del ceremonial imperial, se vuelve una importante fuente para acercarnos a las herramientas de percepción y representación (MacCormack 1981) utilizadas por este grupo para reafirmar su posición junto al emperador, y la dependencia con el mismo. Entre las fuentes que emplearemos se encuentran la Capilla de los emperadores en el Templo de Luxor; el Arco de Galerio en Salónica; la base del Obelisco de Teodosio; el Missorium de Teodosio, entre otras.

O lugar do monasticismo na heresia

CLAUDINO, Thalita Soares
Graduanda em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro
Bolsista de monitoria em História Medieval e Voluntária PIBIC-UFRJ

Este trabalho é parte de pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC-voluntária) desenvolvida no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em seu escopo mais amplo, a pesquisa tem como objetivo compreender a relação entre o ascetismo monástico e as práticas religiosas cátaras/albigenses. Para isso, nos debruçamos sobre a *Historia Albigensis* (c.1213) de Pedro de Vaux de Cernay, um monge cisterciense da abadia de Vaux de Cernay, localizada a Sudoeste de Paris, que acompanhou de perto a Cruzada Albigense (1209-1229). O documento estrutura-se como um embate discursivo, qual seja, o de um monge cisterciense da região de Ilha-de-França contra a dissidência religiosa presente no sudoeste da atual França. Tal confronto de interesses políticos e religiosos nos instiga a perseguir nosso objetivo principal de pesquisa: o estudo da visão monástica na construção da representação histórica do combate à heresia cátara.

Dividida em dois momentos, a pesquisa encontra-se na fase de levantamento de todas as referências ao monasticismo e às práticas ascéticas (isolamento físico, voto de pobreza, regime alimentar, etc), atribuídas ao catarismo, presentes na *Historia Albigensis.* Nesta apresentação nos debruçaremos sobre os aspectos/termos usados pelo autor do documento para se referir aos hereges e a sua forma de lutar, pois identificamos nessas referências uma tentativa de demarcação do que seriam as boas, e legitimadas por Deus, formas de guerrear em detrimento de formas errôneas e, portanto, heréticas. Em seguida, buscaremos compreender a relação ascetismo monástico-catarismo por meio da noção de "purificação" empregada pelo autor em sua construção da memória do combate contra grupos dissidentes. Nesse sentido, nossa hipótese é a de que existe uma

"monopolização" do que seriam as boas práticas ascéticas segundo a visão monástica e, consequentemente, a classificação como heréticas de todas aquelas atitudes de cunho ascético que não se submetem ao monopólio eclesial.

Livros de modelos:
referências para a arte, design, moda e preservação do patrimônio

CONCEIÇÃO, Rosângela Aparecida da
Mestre em Artes pela Universidade Estadual Paulista
Professora da Universidade Paulista
Membro do Grupo de pesquisa "Pesquisa em Educação Estética", IAR-UNICAMP,CNPq

Nesta comunicação, buscamos lançar alguns apontamentos sobre o uso de livro de modelos como fontes para as áreas de Arte, Design, Moda e Preservação do Patrimônio. Pensamos que estas publicações, elaboradas ao longo do século XIX e meados do XX, são importantes não apenas na questão do estudo de motivos, mas se configurem como guias ou auxiliares no cruzamento de dados para a datação de têxteis, entre outros objetos, por serem acompanhados de textos que indicam, por vezes, a origem e o período em que foram realizados. Nossos argumentos estão alicerçados na experiência de documentação de têxteis em acervos eclesiásticos, cujos elementos decorativos se ancoram em têxteis com imagens medievais ou nelas baseadas. Nossa análise tem como base teórica e metodológica para o estudo da imagem e seus usos por E.H. Gombrich (2012a, 2012b) e Panofsky (1990, 1995). Destacamos aqui os livros de Bartoli (1953), Bock (1859), Falke (1913), Fischbach (1874), Jones (1856) e Sangiorgi (1920).

Imagem-objeto no BM Cambrai 528: as relações entre as miniaturas medievais e os aspectos físicos do manuscrito

GODOI, Pamela Wanessa
Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo

O BM Cambrai 528 é um Homiliário cuja data de produção está entre o final do século XI e final do século XII. Feito para a abadia beneditina, hoje inexistente, de *Saint-André-du-Cateâu*, ele se encontra atualmente abrigado pela Biblioteca Municipal de Cambrai, no norte da França, desde a Revolução francesa pelo menos. Com 274 fólios e 40 miniaturas, o investimento feito na produção das imagens é bastante excepcional. Além do grande número de imagens, o uso de cores diversas com forte saturação coloca esse manuscrito em um grupo de livros litúrgicos bastante singulares. Aqui nos interessa particularmente apresentar as referências das relações que são estabelecidas entre essas imagens e o aspecto físico do manuscrito. Dois exemplos nos mostram como essa relação foi estabelecida em diferentes momentos do códice. A primeira pode ser percebida na miniatura com o tema da Ascensão de Cristo. Um buraco no fólio 38 distingue o apóstolo traidor: Judas que é o único sem auréola, ao invés de ver a Glória do Cristo em Ascensão, como seus outros companheiros, olha em direção ao buraco do fólio, para o defeito, vê o vazio, sendo castigado por sua traição, na imagem.

Em um segundo exemplo somos chamados a perceber como a manipulação feita por um espectador caracteriza a relação da imagem com o fólio: a inicial do texto sobre o martírio de santa Inês apresenta a figura da santa tendo uma espada à garganta, empunhada por um soldado. Na garganta foi feito um corte no pergaminho: ele foi degolado por um observador, revidando o que faz à santa Inês. Aqui a imagem é agredida, violentada, e confirma uma expressão dos sentimentos do leitor desse códice. Esse tipo de vestígio nos possibilita adentrar em um campo de difícil acesso, a investigação sobre a recepção da imagem.

A cruz de Gosforth: Intericonicidade, identidade visual e acomodação religiosa na Nortúmbria Pré-Normanda

GOMES, Poliana de Oliveira
Graduanda em História da Arte na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A cruz de Gosforth é uma escultura do tipo *high-cross* de meados do século X localizada no noroeste da Inglaterra, região que recebeu migrações Hiberno-Nórdicas no século IX. Seu repertório iconográfico é resultado da confluência da tradição escultórica anglo-saxã e de motivos oriundos da arte escandinava, celta e cristã continental. Tal fusão evidencia a presença de intericonicidade (ou intertextualidade visual) e uma intricada justaposição de elementos da mitologia nórdica, celta e cristã. A face leste mostra a crucifixão de Cristo – embora não haja cruz e a iconografia apresente discrepâncias relevantes em relação aos dois programas mais frequentes na arte cristã. As demais faces da obra contêm diversas cenas que integram o mito do *Ragnarök,* apresentadas de forma complexa e não linear, em uma organização repleta de contrastes e paralelos que exigem uma abordagem reflexiva e intertextual para sua interpretação. A cruz como árvore da vida, uma representação comum já na iconografia paleocristã, funde-se, em Gosforth, com a cosmogonia nórdica, através da *Yggdrasil*, sua *axis mundi,* e com a *arbor aeterna* celta. A herança celta é evidente em outros símbolos como a *triquetra*, que em muito se assemelha ao *valknut* (símbolo nórdico que representa Ödin), e também evoca a noção cristã de trindade. A "iconografia pagã de ideias cristãs" é um poderoso registro visual da retórica utilizada na cristianização destes povos. A escultura é também registro da nova tradição figurativa, uma variação estilística regional adaptada à nova realidade social sem, no entanto, deixar de refletir o gosto e a tradição da elite colonizadora. Nosso objetivo nesta comunicação é explorar o uso das mitologias pagãs - através da identificação e análise iconográfica dos motivos polissêmicos - no processo de acomodação religiosa dos imigrantes escandinavos na região da Nortúmbria, bem como os diálogos interculturais desenvolvidos durante este

processo intelectual de assimilação e ressignificação cultural pouco documentado, porém manifesto na cultura material na forma de permanências e rupturas. Nossa abordagem procura entender a cultura material não apenas como produto e reflexo de sua sociedade criadora, mas como um agente mediador das relações humanas essencial na constituição de uma identidade cultural. O estudo da iconografia de Gosforth e do *corpus* escultórico da Era Viking também possibilita uma análise da evolução, das transformações desses mitos e seu imaginário em um período de poucas fontes escritas disponíveis. Desta forma, a cruz de Gosforth revela-se um monumento de grande relevância, em especial por constituir uma narrativa visual do mito escatológico axial do cânone nórdico séculos antes de sua compilação no *Vǫluspá*.

Roman d'Alexandre (Oxford, Bodleain Library, MS Bodley 264) e a música instrumental na Idade Média

HELD, Marcus
Mestre em Musicologia pela Universidade de São Paulo

A iconografia musical é uma das principais ferramentas de acesso a fontes primárias para o conhecimento da música da Idade Média, uma vez que a documentação escrita desse fazer artístico consolidou-se, apenas, no século XIV. O manuscrito *Roman d'Alexandre* (Oxford, Bodleain Library, MS Bodley 264), portanto, representa uma fonte iconográfica ímpar para um maior esclarecimento sobre a música instrumental medieval. No documento, narram-se as aventuras do imperador Alexandre, o Grande, ao longo de sua trajetória pela Europa, Ásia e norte da África. Concluído em 1344, em Tournai, e com um apêndice adicionado no século seguinte, o manuscrito é tido, atualmente, como uma das principais referências sobre a cultura material da Europa medieval, uma vez que a representação da vida cotidiana, por meio de miniaturas elaboradas, é presente em quase todos os seus fólios. Além disso, diversos instrumentos musicais foram representados na obra em questão e, tendo em vista sua exuberância iconográfica, a presente comunicação de pesquisa procura conhecer, explorar e investigar a situação da música instrumental da Idade Média que, embora pouco se saiba em relação à sua performance, é aceito que exercera um papel fundamental na construção da cultura ocidental.

Representación a la Passión y Muerte de Nuestro Rendetor: a imagem da Paixão de Cristo no bojo da renovação das sensibilidades espirituais

LEANDRO, Camille Ferreira
Graduanda em História na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Bolsista PIVIC

O estudo faz uma reflexão sobre a imagem do Cristo Crucificado presente no discurso do teatro castelhano, especialmente na "*Representación a La Passión y muerte de Nuestro Redentor¨* de Juan Del Encina no ano de 1496. Referenciamos como um momento que promove a transcendência dos fiéis para espaços imaginários por tratar-se de uma plasmação cênica vinculada a um processo mais amplo de renovação das sensibilidades iniciado na Idade Média Central, em que a presentificação do Cristo retoma os ideais apostólicos que devem nortear a atuação dos homens no mundo. Na Baixa Idade Média, estas manifestações veicularam imagens do rei e do reino que *presentificaram* elementos representativos da esfera do poder, criando, assim, novas condições de abstração e assimilação na experimentação da fé. Neste sentido, apropria-se do teatro como documento social, um espetáculo de amplo envolvimento coletivo em tempos e espaços previstos, culminando na manutenção da unidade da sociedade medieval. É sobretudo por meio da 'transposição do espelho' que se inscreve o modelo de cristão a ser seguido e se fomenta o sentimento de pertença. O vocábulo *imago*, entendido como imagem e semelhança de Deus, cumpre a função de lembrar a história sagrada no espetáculo, vislumbra um contato com a imagem de Cristo que não é de ordem sensorial, mas existencial. A figura de Jesus Cristo no espetáculo apresenta comportamentos morais que servem de exemplo – *exemplum*. Trata-se, pois, de um fenômeno de devoção que promove a formação de traços identitários e, ainda, a afirmação de um discurso político que constrói uma noção de unidade para as múltiplas Espanhas.

A iconografia da Missa de São Gregório: imagem e realismo eucarístico na França do final da Idade Média

LUBARINO, Doglas Morais
Doutorando no Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Campinas
Bolsista da FAPESP

Apesar de comum nas imagens tardo-medievais, o tema iconográfico da *Missa de São Gregório* é ainda pouco conhecido e estudado. Essa iconografia figura um milagre eucarístico ocorrido durante uma missa: a aparição de Cristo, em geral estigmatizado e chagado, a São Gregório Magno. Essas imagens frequentemente apresentam também os instrumentos da Paixão, denominados *Arma Christi*. O milagre representado nessas imagens, juntamente com os *Arma Christi* e com a característica representação crística, evidencia-nos que a reprodução dessa iconografia buscou uma ligação entre o sacramento do pão e a Paixão de Cristo. Segundo a bibliografia especializada sobre a temática, tal associação tratava-se de um esforço eclesiástico de afirmar a presença real de Cristo no sacramento eucarístico. Há um número significativo dessas representações em pinturas murais e em painéis que foram produzidas na França e que, malgrado a grande oportunidade de estudos, não foram objeto de pesquisas detalhadas. Desse modo, é nosso objetivo analisar tal iconografia a partir de um *corpus* de imagens constituído por pinturas murais e retabulares produzidas entre os séculos XIV e XV. Com base na análise desse *corpus*, além do cotejamento com fontes históricas textuais e com a bibliografia especializada, investigaremos como essas imagens relacionam-se com o processo de afirmação do realismo eucarístico em seu contexto de produção e exposição no final da Idade Média. Desse modo, discutiremos na comunicação algumas questões de nosso projeto de Doutorado recém iniciado, focando-nos nos objetivos e na metodologia empregada.

Pinturas encomendadas pelo mecenato urbano burguês na Península Itálica na Baixa Idade Média

MELO, Thatiane Piazza de
Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História Social da
Universidade Federal Fluminense - Bolsista da CAPES

A partir do contexto do século XIV na Península Itálica, observa-se que muitas das produções artísticas foram encomendadas por um mecenato urbano. Composto por uma elite citadina, com origens nobres e também da burguesia, sendo este segundo grupo a escolha de delimitação da pesquisa. Tendo atenção a multiplicidade de personagens que os mercadores englobam, e selecionando as famílias que encomendavam as produções pictóricas. O ponto de partida será a análise das obras artísticas produzidas neste período, para compreender a relação desse mecenato urbano com os pintores. São pinturas murais religiosas em espaços como capelas, igrejas e catedrais que apontam para uma forma de representação de poder deste grupo. Para compreender de que forma essa elite tinha como objetivo ser representada, e quais elementos são recorrentes nessas imagens.

Neste panorama, as descrições dos trabalhos a serem executados eram extremamente minuciosos por parte dos mecenas. O investimento teria que abarcar os interesses que a elite esperava, assim os pintores tentavam reproduzir ao máximo esses anseios. Um pintor que fabricou diversas obras para esse grupo de financiadores foi Giotto di Bondone, como na igreja de Santa Croce em Florença, na qual fez afrescos para as capelas Bardi e Peruzzi. Também o mesmo decorou a capela Scrovegni em Pádua. Existia uma série de interesses que levavam o comprador a encomendar trabalhos pictóricos e fazer suas exigências nas representações, esses aspectos envolvem o âmbito religioso, político, econômico e cultural. Para melhor análise dessa relação, e uma carência de fontes contratuais, requerem do historiador uma análise de imagens e das

fontes textuais em sua maioria literárias deste período. No intuito de compreender esta rede de contatos que permeiam a encomenda e a produção artística do período.

Vestuário e arte sacra: usos e funções das vestes na imaginária cristã

MOREIRA, Fuviane Galdino
Doutoranda em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio de Janeiro
Pesquisadora Associada ao Núcleo Interdisciplinar de Estudo da Imagem e do Objeto (Nio) / EBA / UFRJ

Trata-se de uma pesquisa acerca dos usos e funções das vestes em imaginárias cristãs, a partir das permanências dessa prática cultural e religiosa desde os tempos medievais. O hábito de trajar a(o)s santa(o)s parece ter sua origem na Baixa Idade Média, no século XIII, encontrando-se sinais desse costume devocional no Sul da Europa – Itália, França, Portugal e Espanha – e se estendendo posteriormente aos países da América Latina. Destacamos a importância do manto na iconografia mariana para o exercício de legitimação de poderes no medievo, já que a Virgem Maria podia ser facilmente vestida com uma bandeira, como uma espécie de mensageira oficial, tal como os servos se revestiam com os brasões de seus senhores. Esse tipo de ornamento frequentemente pertencia ao inimigo capturado no campo de batalha, uma vez que sua bandeira era tomada pelos grupos vencedores para vestir Nossa Senhora, acreditando-se dessa maneira, metaforicamente, que utilizar esse emblema para indumentar uma figura feminina seria uma forma de ultraje à honra masculina daqueles que haviam sido derrotados. Realçamos que o manto era uma peça especial na indumentária medieval, usado frequentemente em ocasiões solenes, normalmente por nobres e grandes senhores de ambos os sexos (BONFIM, 2002). Em Aragão, a título de exemplo, o uso da iconografia mariana para fins políticos caracteriza as tentativas de sacralização da monarquia desde o fim do século XIV, e se expande a todas as autoridades: esses conservaram a ligação de sua imagem com aquela de Nossa Senhora, para provarem que seus poderes eram protegidos e inspirados pela própria Virgem. Levantando a bibliografia histórica e teológica sobre o assunto, perpassamos o conceito de imagem-objeto proposto por Baschet (2008), destacando a materialidade da roupa em sua

conexão com o ser divino. Seguindo o caminho feito por Palla (1999) em relação às características simbólicas do traje e da iconografia na pintura portuguesa da primeira metade do século XVI, investigamos algumas fontes bíblicas que teriam servido de base para o pensamento cristão no que concerne à importância das vestimentas, sendo utilizados aqui para as reflexões sobre o tema desta comunicação. Concluímos com Trexler (1991) que se, por um lado, o ato de indumentar as imagens esculpidas e pintadas (estofadas) tem sido um dos assuntos mais negligenciados da história das artes visuais por outro lado, o vestir as imagens é algo relevante para o entendimento das relações sociais entre o homem e o divinal, mediadas pelo objeto. Assim, este trabalho subsidia a compreensão do comportamento humano em suas interações com as devoções sagradas.

Os manuscritos iluminados judaicos da Catalunha medieval

OLIVEIRA, Karina Santos de
Mestra em Letras pela Universidade de São Paulo

Na Espanha dos séculos XIII a XV, os manuscritos iluminados judaicos manifestavam duas distintas expressões artísticas: nas Bíblias foi usada uma linguagem não narrativa, não figurativa, quase anicônica, pouco ornamentada, ligada à tradição artística islâmica, enquanto nas *haggadot* de *Pesach*, exemplares que continham a liturgia para ser lida em casa durante a refeição ritual da Páscoa judaica, foi usada uma linguagem narrativa ricamente ornamentada, incluindo imagens figurativas, que ecoavam aspectos artísticos da Europa cristã e era derivada da tradição estilística gótica.

Nos séculos XIII e XIV, a Catalunha medieval foi o local de produção de uma série de manuscritos iluminados judaicos. O passado cultural da Catalunha estava muito mais profundamente relacionado com a França cristã do que com a Espanha muçulmana. Não houve ali o estabelecimento da arte e da cultura *mudejar* como em outras regiões do Reino de Aragão. O meio artístico estabelecido estava totalmente ligado à Europa gótica.

A despeito disso, as Bíblias produzidas na Catalunha nesse período refletem a interação judaico-islâmica que ocorreu em outras partes de Aragão, e da Espanha como um todo. As Bíblias catalãs preservavam a atitude anicônica e combinavam formas islâmicas com características góticas, enquanto alguns manuscritos específicos tinham uma clara preferência por uma linguagem formal islâmica. A explicação para esse fato foi buscada pelos estudiosos desses manuscritos.

As *haggadot* de *Pesach* da Catalunha, foco principal desta apresentação, contrastavam fortemente com o aniconismo dos manuscritos bíblicos, trazendo ilustrações de ciclos narrativos que representavam a história dos israelitas, como descrito nos livros Gênesis

e Êxodo da Bíblia Hebraica. Estes ciclos apareciam como uma narrativa contada numa linguagem pictórica independente do texto, ou seja, as imagens apareciam separadas do texto. Os aspectos estilísticos e iconográficos eram emprestados quase que exclusivamente da arte cristã. A imagética cristã foi traduzida, a partir de interpolações midráshicas, para uma linguagem judaica. Além disso, a estilística figurativa desses manuscritos iluminados pode ser inserida no contexto estilístico do Alto Gótico do Norte da França. Alguns manuscritos serão abordados para exemplificar o tema da apresentação: a *Haggadah* Dourada, a "*Sister Haggadah"* (Or. 2884), a *Haggadah de Rylands*, a "*Brother Haggadah"* (Or. 1404), a *Haggadah* de Sarajevo e a Haggadah de Barcelona.

O crucifixo de São Damião no primeiro século franciscano: modos de funcionamento

PELEGRINELLI, André Luiz Marcondes
Mestrando no Programa de Pós-graduação em História Social da
Universidade Estadual de Londrina - Bolsista da CAPES

O avanço nos estudos da historiografia social e da arte permitiu, nas últimas décadas, a multiplicação de abordagens sobre a imagem medieval, percebendo-a não apenas enquanto expressão visual de uma cultura, mas um complexo objeto entremeado por relações visuais, materiais, antropológicas, religiosas, políticas e tantas outras. Conscientes da complexidade do fenômeno imagético medieval, buscamos analisar os modos de funcionamento possíveis a um desses objetos, o Crucifixo de São Damião. O crucifixo, que no século XII pertencia à igreja de São Damião, nos arredores de Assis, protagonizou um dos episódios centrais da conversão de Francisco de Assis (1182-1226): realizou um colóquio com o *poverello* e ordenou a reconstrução de igrejas (ou, na interpretação posterior do santo e de seus seguidores, da Igreja). Anos mais tarde, com Clara de Assis (1193-1253) e a formação das Pobres Damas, o mesmo objeto serviu para identificar e dar coesão espacial àquele grupo de mulheres que também desejavam seguir a via franciscana. O crucifixo, de inspiração bizantina, marcou a relação entre homens e imagens mágicas na espiritualidade e prática franciscana. A iconografia do crucifixo apresenta forte caráter narrativo, sua materialidade, por outro lado, aponta possibilidades que corroboraram para sua potência transcendental. Os hagiógrafos da vida de Francisco viram nesse episódio e através desse objeto a predição do caminho do santo, mas discordaram em relação à potência da imagem. Ao realizar uma análise que considere a iconografia tão importante quanto as questões materiais (composição do suporte, espacialidade em seu local original, estratégias de construção tridimensional da imagem, etc.) cremos oferecer uma abordagem mais complexa e madura a uma imagem-objeto que ganhou protagonismo nas práticas religiosas de inspiração franciscana, destacando a multiplicidade de modos de funcionamento

exercidos por essa imagem, da conversão de Francisco a seu transporte para junto do túmulo de Clara, onde permanece até nossos dias.

Entre o texto e a imagem: a representação imagética dos mártires no breviário de *Marie de Saint Pol*

PEREIRA, Gabriel Alves
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da
Universidade Federal do Rio de Janeiro

O que seria um santo medieval? De acordo com Carolina Fortes, o santo medieval é aquele que se desprende de forma radical das suas condições humanas. Ele se caracteriza por ser, ao mesmo tempo, tão próximo e tão distante ao homem. Ao longo da Idade Média, a Santidade foi entendida como a forma de agir em benefício da comunidade de fé. Um santo rejeita os valores mundanos que são normalmente aceitos, ele realiza jejuns de forma frequente, adota a nudez ou utiliza roupas velhas, vive em um ideal de pobreza. O santo se afasta do mundo e dedica todo o seu tempo a Deus. Esse, segundo Vauchez, é um dos primeiros milagres dos santos, pois, enquanto os homens são parcialmente religiosos, os santos são completamente dedicados à vida religiosa. Além disso, os santos possuem algumas armas como seu poder taumatúrgico e profético, fazendo com que eles tenham autoridade perante a *Ecclesia*. Como lembra Fortes, os primeiros a serem reconhecidos como santos foram os mártires. Nesse sentido, Valtair Afonso Miranda destaca que o mártir cristão, a partir do segundo século, irá ser identificado como uma pessoa que experimentava o sofrimento, que enfrentava a morte em nome de Jesus Cristo. Portanto, os mártires são os santos que deram a sua vida em testemunho a Cristo. A partir de tais apontamentos gerais sobre a história do martírio iremos analisar um manuscrito de origem franciscana. O "breviário de Marie de Saint Pol" está catalogado na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, como DD 5.5. Um breviário é um manuscrito que contém orações, hinos, salmos, vidas de santos e leituras para o uso litúrgico diário. O nosso documento pertenceu a Marie de Saint Pol, condessa de Pembroke, na Inglaterra, e abadessa franciscana durante o século XIV. O breviário foi copiado na abadia franciscana de Saint Marcel em Paris, na

França, e iluminado por Mahiet, discípulo do famoso artista parisiense Jean Pucelle, também em Paris, entre os anos 1330 e 1340. O manuscrito possui diversas imagens de santos, em sua maioria mártires. Nessas iluminuras temos muitas vezes a representação da morte desses santos. Se, por um lado, Jacques Le Goff já destacou a importância da morte no imaginário medieval dos séculos XIII e XIV ao traçar a história do "Triunfo do Purgatório", por outro, Dionathas Boenavides tratou o papel específico das ordens mendicantes nesta temática, pois, de acordo com o pesquisador, os franciscanos utilizavam a imagem da morte para elaborar as suas pregações. Tratar da morte era preparar-se para a sua chegada que, para esses frades, era sinônimo de se inserirem nos ritos que apenas a Igreja realizava e, assim, estar mais próximos de Deus. Dessa forma, meu objetivo nessa comunicação é analisar a representação das imagens de mártires nesse manuscrito, relacionando-as com o texto em que estão inseridas e comparando-as com outras imagens de mártires representadas em outros manuscritos. Pretende-se ao final desse exame entender o motivo que levou os mártires a serem representados em maior número em um manuscrito franciscano, justamente em um momento de suposto declínio do martírio na história do cristianismo ocidental. Há alguma relação entre o martírio e o franciscanismo? Existem diferenças significativas entre as imagens de mártires do manuscrito DD 5.5 e imagens de outros documentos? Quais são as características ornamentais que as diferenciam? Por que possuem essas diferenças? Questões essas que serão investigadas ao longo da comunicação

Ibn al-Muqaffa e a Revolução Abássida: O estudo da cultura material do projeto político e da arte do bem governar

PRENDA, Dandara Arsi
Doutoranda em História na Universidade Federal Fluminense
Bolsista do CNPq

As produções voltadas para a arte do bem governar, assim como para a manutenção do poder, tiveram grande destaque no projeto de consolidação do Califado Abássida em seus primeiros anos (750 a 775 d.C.). Desde o início, a nova dinastia proporcionou uma mudança de perspectiva no sentido político-religioso no mundo Árabe, e assim, pela primeira vez, agregavam-se sob um poder central forças que antes se manifestavam de forma antagônica, mas que se reuniram em benefício à queda da antiga dinastia.

Com a expansão territorial e os frágeis acordos que sustentaram a tomada do poder, os califas Abássidas precisavam transformar o governo em algo mais sólido e duradouro. Para tal propósito foi preciso uma série de medidas nos campos políticos, religiosos e culturais que buscassem congregar as pluralidades que compunham o novo território.

Considerando tais diferenças e objetivando-se manterem no poder, os primeiros califas implantaram como um dos projetos políticos a busca pela valorização dos saberes. Este empreendimento teve como o exemplo mais significativo a criação da Casa da Sabedoria ou Casa do Saber, instituição que reunia, através do trabalho de diversos letrados, místicos e sábios os saberes que circulavam tanto no Oriente quanto no Ocidente.

Dentro da ótica do projeto político de valorização do saber se encontra a vida e as obras de Ibn al-Muqaffa, letrado persa que circulou nas corte citadinas tanto dos Omíadas quanto dos Abássidas. Este letrado tem recebido alguma atenção dentro dos estudos modernos, porém, não há um estudo sistemático de sua vida e obra dentro do contexto

da chamada Revolução Abássida. Esta apresentação tentará mostrar a impressionante produção intelectual do erudito, que aparece sob uma nova perspectiva quando relacionada ao colapso do estado Omíada e o processo de revolução que se seguiu.

As gravuras em Portugal no século XVII: iconografia profética e política da Restauração (1639-1668)

SANCHEZ, Talita de Jesus Noronha
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de São Paulo - Bolsista da CAPES

A visualidade pode ser percebida como partícipe dos argumentos e discursos políticos da época da Restauração em Portugal. Quando se olha, especificamente, para as gravuras produzidas, entre 1639 e 1668, percebe-se que essa iconografia retoma elementos do passado do reino, arranjando-os, de modo a criar uma narrativa de predestinação, a partir do episódio do Milagre de Ouriqe. Assim, é possível pensá-las em três veios de exploração: o primeiro está ligado à tradição imagética do Milagre de Ourique e de Afonso Henriques; o segundo se pauta na análise dos brasões e da heráldica elaborada naquele período, destacando-se os brasões "tradicionais" de Portugal e os ligados às dinastias de Avis e de Bragança; o último se relaciona à "guerra de imagens" existente entre os frontispícios da obra de Caramuel, *Philippus Prudens* (1639), e de Antonio de Souza Macedo, *Lusitania Liberata* (1645).

O trabalho com essas fontes deve considerar as relações entre textos e imagens, tanto na perspectiva do *ut pictura poesis*, como na chave da trindade comunicativa de Bouza-Álvarez. Para tanto, o conceito de "paratexto" de Gérard Genette é central, uma vez que o frontispício é o lugar de excelência para a localização dessas gravuras. Enquanto paratexto iconográfico, o frontispício poderia atuar como uma "arma de papel" já que as imagens possuíam uma engenhosidade retórica em relação aos textos. Assim, frontispício e texto se relacionariam a partir do conteúdo da obra.

Deve-se alertar que as imagens consultadas são apenas uma amostra da totalidade de imagens produzidas naquele espaço de tempo. Tem-se acesso apenas a um extrato e é importante lembrar que nunca se alcançará uma totalidade. Contudo, diante do que é possível, pode-se afirmar que a iconografia de gravuras da Restauração retoma Ourique,

talvez numa tentativa de legitimar d. João IV, talvez numa tentativa de produção visual mesmo em um contexto de crise.

A Igreja e os edifícios eclesiásticos na Catalunha: sobre as reformas no século XII

SANTOS, Aline Benvegnú dos
Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História Social da
Universidade de São Paulo - Bolsista da FAPESP

Durante o século XII, na Catalunha românica, observa-se um movimento de reconstrução ou reforma de edifícios religiosos que haviam sido construídos nos dois séculos anteriores. A partir desse momento, alguns dos grandes conjuntos monásticos que datavam dos séculos X ou XI foram objeto de campanhas tanto de mudanças na estrutura arquitetônica como na decoração escultórica. Para grande parte dos historiadores do Românico catalão, trata-se de uma política construtiva, que transforma ou amplia os grandes edifícios religiosos dos séculos X e XI, e faz proliferar uma grande quantidade de portais e claustros ricamente esculpidos. Esse momento, marcado pela profusão da escultura monumental, é chamado de Românico pleno.

Foram diversas as explicações para os motivos que levaram às reformas – o mau estado de conservação, a necessidade de ampliação das dimensões do edifício ou dos suportes para a escultura monumental. De qualquer maneira, a agregação de portais esculpidos ou a renovação dos claustros nos monastérios foram consideradas por esta mesma historiografia como um fato generalizado na Catalunha românica, o que não necessariamente implicava a edificação de obras completamente novas: em muitos casos, a reforma se constituía essencialmente como uma operação de "redecoração", com base no que já estava materialmente presente.

O século XII seria, assim, o momento em que a escultura monumental estaria ligada a grandes mudanças sócio-estruturais na Catalunha românica. Seria, também, um momento de intensa circulação de impulsos reformadores vindos da Igreja de Roma e também de maior abertura dos condados catalães ao mundo medieval ocidental.

Deste modo, nosso objetivo nesta comunicação é discutir as relações entre o desenvolvimento da escultura monumental nos claustros dos condados catalães a partir do século XII e um suposto programa de reformas – materiais - intimamente ligado às reformas da Igreja e às mudanças estruturais do próprio monacato beneditino.

O historiador e as suas imagens: um estudo sobre edições da obra de Jacques Le Goff

SANTOS, Bruno Gabriel Rodrigues dos
Graduando em História na Universidade de São Paulo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o uso de imagens pelo historiador em sua obra, especificamente em relação à Alta Idade Média. Para tal fim, foi escolhido como objeto de estudo três edições da obra "A Civilização do Ocidente Medieval", do medievalista francês Jacques Le Goff: a edição francesa de 1964, da editora Arthaud; a portuguesa de 1983, da editora Estampa; por fim, a brasileira de 2005, da editora Edusc. Apesar de serem edições de um mesmo trabalho, elas apresentam diferenças muito grandes. A maior delas é a exclusão de imagens nas edições portuguesa e brasileira – em relação à portuguesa, permaneceram apenas os mapas e as plantas. Portanto, o objetivo é analisar o uso das imagens por Le Goff na edição francesa e sua exclusão nas outras duas edições, discutindo as implicações dessa escolha editorial.

Pedra e espírito: os grafitos e a sacralização dos espaços devocionais na Antiguidade Tardia

SANTOS, Vanessa de Mendonça Rodrigues dos
Mestranda no Programa de Pós-graduação em História Social da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Bolsista da CAPES

O presente trabalho, desenvolvido a partir de minhas pesquisas no curso de Mestrado em andamento no PPGHIS/UFRJ com apoio da fundação CAPES, tem por objetivo refletir acerca da relação entre grafitos e o espaço sagrado, em especial as inscrições encontradas em um monumento funerário cristão dedicado a Pedro e Paulo na cidade de Roma no século III conhecido como *Memoria Apostolorum*. Os grafitos, enquanto escrita não-oficial de iniciativa particular, eram uma prática social romana bastante comum e empregada em diversos contextos. Em âmbito cristão, tornou-se uma prática devocional que propiciava a comunicação com o divino através da materialidade da escrita. Pretendemos, pois, discutir a função do grafite enquanto instrumento de formação e de legitimação da sacralidade de espaços devocionais, e uma vez que se trata de um instrumento de reforço da sacralidade desse mesmo espaço por meio do estabelecimento de uma comunicação com o divino. Neste sentido, o estudo da relação entre a materialidade da escrita e a divindade – pedra e espírito – ajuda a esclarecer as razões pelas quais um monumento funerário aparentemente destituído de relíquias, como teria sido o caso da *Memoria Apostolorum* (ao que tudo indica, o local nunca teria abrigado os corpos dos mártires Pedro e Paulo, mas estaria relacionada Há uma permanência dos apóstolos neste espaço ainda em vida), pôde se tornar um local de comunicação dos fiéis com o divino. É, portanto, através de um conjunto de grafitos numericamente único em toda a cidade de numerosos grafitos, que podemos compreender como as práticas devocionais literalmente inscreveram a comunidade cristã na paisagem de Roma antes da institucionalização desta religião ocorrida ao longo

do século IV; institucionalização essa, aliás, alimentada pela transformação do monumento aqui estudado na Basílica *Apostolorum*.

Montagem Poética: imagem e agência na galeria sul do claustro de Elne

SILVA, Felipe Vieira Frazão
Graduando em História na Universidade de São Paulo
IC/USP - LATHIMM

Na presente comunicação faremos uma revisitação ao conceito de montagem que permitiu uma nova abordagem – tanto na análise quanto na identificação – da(s) lógica(s) presente(s) no arranjo dos capitéis esculpidos na galeria sul do claustro de Elne, construída aos fins do século XII. Para o estudo deste processo de montagem, a referência principal está no trabalho de Didi-Huberman, que o entende de maneira essencialmente dialética, assim como ocorre no trabalho de Eisenstein. Dessa maneira, a mensagem estabelecida pela montagem pode ganhar um aspecto sagital enquanto transmissão de um conjunto de significantes específicos; à montagem se associa a função de medialização de uma mensagem específica que a precede. No interior da dialética, presente nos métodos de montagem propostos pelo consagrado cineasta soviético, a crítica feita por outros teóricos e diretores do cinema – tais como Andrei Tarkovsky – identifica o espectador como um elemento paciente, responsável por desvendar um enigma posto pelo operador da moviola. Tal lógica, quando diretamente transplantada para o regime imagético disposto no claustro, transporta tal agência sobre as formulações que seriam estabelecidas pelo comitente ou escultor, o(s) "montador(es)" de um suposto programa predicativo às imagens do claustro. Este é o núcleo da problemática de trabalhos que têm como objeto as imagens românicas e que se utilizam do conceito de montagem buscando uma dialética estabelecida unicamente por sequências de imagens inter-relacionadas. Esta deveria se estabelecer como uma trama de fios lógicos organizados pela provável agência do observador – o clero intelectualizado, pertencente à nascente escolástica durante o período – atuante na potencial ação de "montagem", encarregado de mobilizar percursos subordinados ao repertório desse espectador para sua articulação.

O que observamos no presente estudo, em relação à montagem, é o modo como as operações realizadas são o elemento aglutinador de um ou mais grupos de imagens. A identificação dessas operações extravasa um jogo semiótico dado por significantes – que são, considerando o repertório medieval, substancialmente exegéticos – atrelados à imagem, mas se relaciona com as operações, comuns em suportes textuais acessíveis aos cônegos (a exemplo das relações quiasmáticas ou paralelísticas), que as imagens realizam entre si, o que se distancia de uma sintaxe interpretativa rígida, imposta ao observador. Como descrevem outros teóricos do conceito de montagem – como Jean Epstein e Pier Paolo Pasolini –, o posicionamento ativo do observador para o processo de acepção articulada de imagens é realizada de maneira poética, sendo essa a principal característica da montagem poética.

As margens do livro de horas 50,1,16 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

SOUZA, Maria Izabel Escano Duarte de
Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História Social da
Universidade de São Paulo

As margens dos manuscritos foram durante muito tempo consideradas pela historiografia como espaços de liberdade para os artistas, em que eles poderiam usar a criatividade e a imaginação sem se preocupar com os cânones da arte convencional. A grande profusão de margens com motivos florais, fitomórficos e animais que predominou na decoração dos manuscritos durante o século XV atestam isso.

Presentes de forma abundante principalmente em livros de horas, cuja profusão da decoração favoreceu o surgimento e o desenvolvimento desse gênero de iluminação, as imagens marginais constituem-se fonte importante para a compreensão da mentalidade e da cultura da sociedade do medievo.

Este é o caso dos livros de horas presentes na coleção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e particularmente do códice 50,1,16. Proveniente de Paris e datado de circa 1460, este livro de horas possui margens decoradas em quase todos os fólios, onde figuram flores de diversos tipos, folhas de acanto e de outras variedades, *rinceaux* e pequenos frutos.

Analisar e classificar os diferentes motivos naturais presentes nas margens do livro 50,1,16 é um dos objetivos desta apresentação. Além disso, é importante também compreender o papel das margens dentro da economia da página, bem como o fenômeno que levou à moda destes motivos florais e fitomórficos que a decoram, entendendo qual sua função dentro do códice. Todos estes assuntos serão abordados nesta comunicação.

Espera-se com este trabalho contribuir para a expansão do conhecimento sobre livros de horas, e particularmente sobre os códices presentes na Biblioteca Nacional, patrimônio rico e pouco explorado pelos pesquisadores brasileiros.

Sobre a concepção iconográfica do inferno no mundo bizantino: uma reflexão a partir das imagens dos condenados

SOUZA, Mariana Pincinato Quadros de
Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História Social da
Universidade de São Paulo

Nas representações do Inferno que integram as imagens do Juízo Final no mundo bizantino encontramos dois registros distintos, os quais chamaremos de "inferno superior" e "inferno inferior", pela disposição na imagem. Há, na historiografia, divergências a respeito do significado desses dois lugares infernais. Por um lado, afirma-se que ambos fazem parte de um só tempo/espaço, ou seja, o lugar para onde os condenados seriam enviados após o Juízo Final, para sofrer os tormentos eternos. Por outro lado, há a leitura desses espaços como dois tipos de inferno, que funcionam em dois tempos diferentes em uma mesma imagem: o inferior seria o "inferno de espera", lugar para onde os condenados se dirigiriam logo após a morte para uma expiação temporária dos pecados, até o dia do Juízo Final; o superior, por sua vez, seria o "inferno definitivo", para onde todos os condenados por Cristo seriam levados para sofrer os castigos eternamente.

Nesse trabalho, faremos uma reflexão sobre essas duas concepções baseando-nos nas dissemelhanças entre as representações dos condenados nesses dois espaços: no inferior, os danados são concebidos de três formas: com o corpo inteiro e inteiramente nus, somente com suas cabeças, rostos intactos e olhos abertos, ou com seus crânios e partes do corpo desmembrados. No superior, por outro lado, os condenados estão imersos em um lago de fogo e eles nos são apresentados vestidos, com as roupas e acessórios que caracterizam o seu lugar social.

Desse modo, podemos pensar em três estados de representação desses seres: como "corpo", quando em estado esquelético, como "pessoa", quando em estado corpóreo

integral, e como "indivíduo", quando vestidos e identificados. Assim, a partir da análise e comparação dessas imagens, refletiremos sobre a concepção dos dois registros infernais que compõem as imagens do Juízo Final no mundo bizantino.

Lúcifer: um soberano do mundo do Além no manuscrito "*Les Très Riches Heures du Duc de Berry*"

TIMOTEO, Kleber Costa
Graduando em História na Universidade de São Paulo
Bolsista PUB/USP

O manuscrito *Les Très Riches Heures du Duc de Berry* (Musée Condé, MS 65) teve a sua produção iniciada pelos irmãos Paul, Jean e Herman de Limbourg em 1410, porém permaneceu incompleto até fins do século XV, pois os irmãos Limbourg faleceram em 1416, bem como o seu comanditário, o Duque de Berry. Com intervenções em algumas margens pelo iluminador parisiense Mestre de Bedford, a finalização do manuscrito, só ocorreu a cargo de Jean Colombe, responsável por algumas imagens, durante os anos de 1485-1486, para Carlos I, Duque de Savoia. O *Les Très Riches Heures* possui 206 fólios com 132 iluminuras (das quais 66 são de página inteira), além de iniciais historiadas e de imagens nas margens dos fólios.

A escolha deste manuscrito deve-se à figuração de Lúcifer coroado – preocupação central de nossa pesquisa – em duas iluminuras de fólio inteiro: no fólio 64v (na cena da expulsão do reino celeste) e no 108r (com a representação do Inferno). A presença da coroa não é comum nessa iconografia e nem aparece nos outros manuscritos do Duque de Berry produzidos pelos irmãos Limbourg, o *Très belles Heures de Notre-Dame* (BNF, ms latin 3093), o *Petites heures de Jean de Berry* (BNF, ms latin 18014) e o *Les Belles Heures du Duc de Berry*, (Metropolitan Museum of Art, MS 54.1.1a,b).

O objetivo desta comunicação é, portanto, analisar essas duas imagens e discutir as motivações que levaram à inclusão dessa iconografia pouco comum no manuscrito *Les Très Riches Heures.*

A natureza nos vitrais da Catedral de Barcelona e o imaginário dos séculos XIV e XV

VARGAS, Lorena da Silva
Graduanda em História na Universidade Federal de Goiás
Bolsista Pibic/CNPq

O vínculo existente entre homens e natureza no medievo teve nas produções humanas – especialmente artísticas e literárias – sua principal expressão. Especialmente a partir do século XIII, a apreciação estética do meio ambiente torna-se cotidiana, vivida por religiosos, artesãos, estudiosos e transmitida aos fiéis. Partindo da análise dos vitrais da Catedral de Barcelona, Catalunha, Espanha – construídos entre 1335 e 1495 –, identificam-se e examinam-se os elementos naturais iconográficos e físicos neles contidos, a partir do imaginário dos séculos XIV e XV, levando à compreensão dos usos ideológicos desse suporte artístico e do espaço dado à natureza pelo homem medieval. Dos símbolos que se atribuem aos santos, aos quais os vitrais se dedicam, à ornamentação floral e estelar que os compõe, o meio natural se faz presente artisticamente. Além disso, a luz – uma das mais simbólicas características dos vitrais –, e as cores, compreendidas como fragmentos de luz, assumem amplo espaço e significativa função nas catedrais góticas: iluminar e auxiliar na interpretação do conteúdo apresentado. Desse modo, os vitrais, por meio de sua acessibilidade e iconografia, construíam e difundiam imaginário religioso, político e ambiental, além de contribuírem para a iluminação e ornamentação do espaço sagrado.

A importância do *scriptorium* monástico para a preservação e manutenção da cultura ocidental

VIEIRA, Thiago; RIBAS, Paulo; HENRIQUE, Pedro; OLIVEIRA, Ramon
Graduandos em História nas Faculdades Metropolitanas Unidas

A partir da análise do panorama europeu da fundação da ordem beneditina até o século XII, verificaremos como em um período de instabilidades políticas com frágeis reinos, invasões normandas e êxodo urbano, os mosteiros da ordem de São Bento tornam-se centros culturais e de unidade estáveis. E dentro dos muros do mosteiro, estudaremos especificamente como o *scriptorium* age para preservar a cultura latina, com a cópia e produção de livros e a difusão do conhecimento ao longo da Alta e Baixa Idade Média. Para tal, utilizamos de base teórica o autor Christopher Dawson, fontes primárias como iluminuras e o depoimento do monge João Baptista, bibliotecário chefe do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo, entre outras pesquisas.